

SOLON BORGES DOS REIS

# REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO III

S. PAULO - 1.º de Janeiro de 1927

N.º 25

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

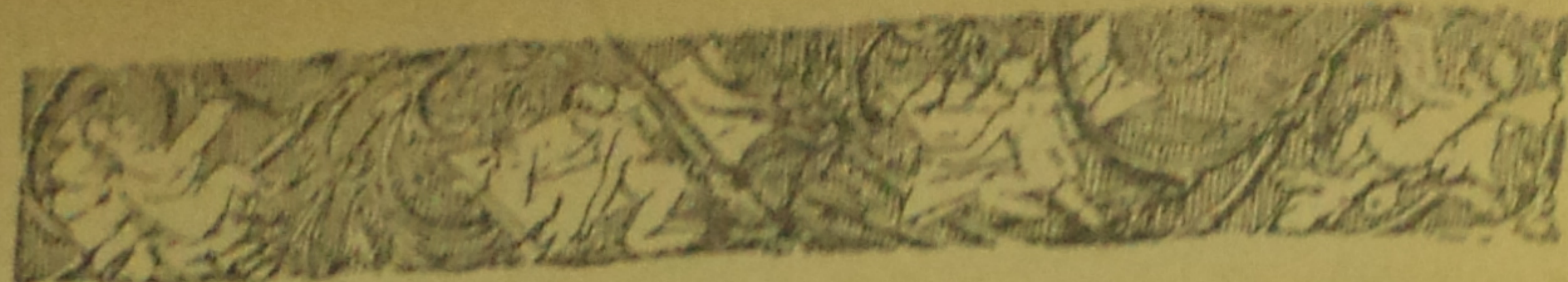
Prof. Dr. José Veiga  
Alduino Estrada

## SUMMARIO:

- A "REVISTA ESCOLAR."
- QUESTÕES GERAES: 1 — A educação. 2 — Ensino oral e ensino de leitura. 3 — O "slöjd" nas escolas.
- LICÇÕES PRATICAS: 1 — Arithmetica. 2 — Geometria. 3 — Botanica. 4 — Linguagem escrita. 5 — Geographia. 6 — Historia do Brasil.
- EDUCAÇÃO PHYSICA — JÓGOS ESCOLARES: 1 — Pegador aos pares. 2 — Cadeia. 3 — Sombra. 4 — Aqui! 5 — Pegador mimico. 6 — Conchas e caracões. 7 — Parede chinesa. 8 — Pirueta. 9 — Em pé. 10 — Banquinho. 11 — Professor e classe.
- PEDOLOGIA: 1 — A evolução psychica da criança.
- LICÇÕES DE COISAS: 1 — A quina. 2 — "Geysers." 3 — O carootá-assú. 4 — Tremores de terra.
- RESENHA PEDAGOGICA: 1 — Introdução ao "Methodo Decroly." 2 — A criação dum conselho nacional de educação. 3 — Bachareis em educação physica. 4 — A orientação profissional nos Estados Unidos.
- LITTERATURA INFANTIL: 1 — A Concha. 2 — Uma sala de jantar. 3 — Sacy-pererê. 4 — A onça e os companheiros de cacada. 5 — Paizagem. 6 — A causa das causas. 7 — O velho, o menino e a mulinha. 8 — As andorinhas. 9 — Aos rios. 10 — A primavera. 11 — Arvore antiga.
- MUSICA E CANTOS ESCOLARES: 1 — Avante, brasileiros!
- VULTOS E FACTOS: 1 — Francisco Manoel.
- NOS ARRAIAES DO ENSINO: 1 — A calligraphia.
- O "FOLK-LORE" NA ESCOLA: 1 — O rei Andrada. 2 — "Yurupichua." 3 — A Jenda do diluyio. 4 — Meu pingo. 5 — Quero quero.
- DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO: 1 — Instrucções para o ensino da musica.
- SECRETARIA DO INTERIOR: Vários despachos.

S. PAULO - Brasil

1927



## QUESTÕES GERAES

### A EDUCAÇÃO

Por educação entende-se a acção exercida sobre a criança, e mais tarde sobre o homem, pelas circumstancias naturaes e sociaes que nelle actúam desde o berço até ao tumulo.

A educação é tão velha como o mundo; começou no dia em que a primeira mãe ensinou o filho a balbuciar as primeiras palavras.

Como sciencia, data do dia em que um pensador perguntou o que ella é, qual o seu fim e os seus meios.

A educação deve sêr dirigida, e, por isso, cumpre estudar a natureza infantil e todos os meios de desenvolvê-la, afim de fazer da criança um homem.

Desde a antiguidade até aos nossos dias, têm havido innumeraveis systemas de educação de accordo com os progressos da humanidade.

A idéa pedagogica evoluiu, a partir das velhas civilizações do Extremo Oriente, através da antiguidade grega e romana e da idade média, passando por Carlos Magno e pela escolastica, para chegar á pedagogia moderna, filha da Renascença e da Refórma.

Desde a Revolução franceza, a educação do povo é considerada como uma divída da nação. As idéas de J. J. Rousseau e de seus precursores — Coménius, Descartes e Locke, ahi exerceram grande influencia.

Pestalozzi (1746-1827) inaugura fecundas experiencias escolares em Stans, em Berthoud, em Munchenbuchsee e em Yver-

don, e assim põe em pratica as verdades pedagogicas, dando novo rumo á educação.

Frebel, o padre Girard, Herbart, Ziller, Stoy continuaram o caminho traçado por Pestalozzi. Herbart, sobretudo, planeja e desenvolve uma theoria da educação que tem dirigido as idéas de refórmas actuaes.

A escola ingleza e a americana, com Stuart Mill, Alexandre Bain, Herbert Spencer e Horace Mann, concorreram tambem com seu precioso contingente para a historia da educação.

As tendencias sociologicas são representadas, principalmente, por Comte, Ward, Vincent, Dewey etc.

Hoje, o papel da escola é mais positivo, porém apparece, principalmente, como uma missão social. Esta concepção democratica repousa sobre a idéa do progresso universal.

A criança não é mais educada exclusivamente para o Estado, mas para si propria e para a sociedade. E como a vida é coisa complicada, o problema da educação é complexo, abraça o homem e o cidadão, a familia e a collectividade, em relação com os progressos scientificos, sociaes e moraes.

Ao lado da corrente educativa historica ou classica, ha tambem a tendencia negativa ou nihilista de Tolstoï, affirmando que os progressos da civilização não são, absolutamente, synonymos de augmento de felicidade e baseando a educação na completa liberdade. Segundo Tolstoï, os methodos pedagogicos só entorpecem, falseiam o espirito e alteram as aptidões intellectuaes.

Seu systema tem fallido com sua escola anarchica de Yasnáia Poliana.

Entre o systema nihilista e o da pedagogia tradicional, colloca-se o da educação chamada NOVA, inaugurada na Inglaterra, pelo Dr. Cecil Reddie; na Allemanha, pelo Dr. Liétz; em França, por Demolins.

Pelos novos processos, o saber está constantemente em relação com a natureza, com a habilidade pratica no recreio, no jardim, no campo, na officina. Trata-se de formar homens completos, adaptal-os ás condições praticas da vida a qual exige

que cada um se torne capaz de resolver difficuldades por si mesmo.

A tendencia pedagogica actual é a scientifica pura, a que baseia o methodo na observação estricta e na experiencia.

Ella se funda nos dados da physiologia e psychologia experimental e da sociologia.

"A antiga pedagogia, diz Binet, não obstante boas partes de detalhe, deve sêr completamente supprimida, porque está affectada dum vicio radical: ella é a resultante de idéas preconcebidas; procede por affirmações gratuitas; confunde as demonstrações rigorosas com as citações literarias; ella trata dos mais graves problemas invocando o pensamento de autoridades como Quintiliano e Bossuet, e substitúe os factos por exhortações e sermões."

As pesquisas e trabalhos de Wundt, Fechner Ebbinghans, Kräpelin, Blum, Binet, Henry, Clavière, Courtier, Thomas, Flournoy, Féré, Mosso, Van Biervliet, Schuyten e muitos outros; os inqueritos e estatísticas pedologicas proseguidos nas escolas, hão de largamente contribuir para o aperfeiçoamento dos methodos didacticos. A actividade escolar deve se modificar.

O educador precisa aproveitar-se de todas as correntes pedagogicas, mas não seguir nenhuma á risca; deve se inspirar nas circumstancias e, sobretudo, tornar a direcção da criança mais natural, mais livre, mais pratica; deve seguir a manifestação innata dos orgams em favor do movimento que é a fonte de toda evolução.

ISIDORE POIRY.

(*La Réforme de l'Éducation.*)

\*\*

## ENSINO ORAL E ENSINO DE LEITURA

Como principio fundamental para a solução deste problema, pôde-se estabelecer que o ensino oral e o de leitura são meios complementares da educação escolar, considerando-se o primeiro como preparatorio do segundo.

Esta relação é deduzida do facto de que todos os conceitos e idéas em cada ramo de conhecimento devem sêr ensinados objectivamente e oralmente quando o alumno ainda não pôde adquirir os elementos de linguagem. Tambem é verdade que esses factos primarios sómente são adquiridos observando e comparando objectos e phenomenos reaes. Tentar taes conhecimentos primarios fazendo o discipulo memorizar linguagem impressa, é contraproducente. É claro, pois, que o ensino oral deve preceder e preparar o caminho para o estudo intelligente do livro de leitura em todos os grãos da escola.

Outra razão para considerar a linguagem oral como elemento preparatorio da leitura no ensino elementar, é o facto de que a linguagem escrita não é tão facilmente compreendida pelas crianças como a falada. O primeiro conhecimento de linguagem, adquirido pela criança, é apresentado ao seu espirito através do ouvido; assim, ella facilmente adquire o habito de attenção e a consequente compreensão da linguagem falada. Quando entra na escola, já tem adquirido o poder de apreender o pensamento, quando expresso por palavras conhecidas, e ella o faz tão promptamente, que mal tem consciencia de ter dado attenção ás palavras separadas. Quando a arte de leitura lhe é ensinada, ella é obrigada a prestar muita attenção ás palavras que constituem a sentença, de modo a conhecer esta como um todo e apanhar o pensamento que a mesma exprime. Longo tempo levará a criança para adquirir o poder de, conscientemente, correr os olhos sobre as palavras duma sentença e vê-la como um todo, pois que a leitura é uma arte mais difficil do que ouvir a mesma linguagem quando falada.

Além disso, no falar, a voz é grandemente auxiliada pelos gestos, pela expressão. Os movimentos dos braços e mãos, bem como a expressão do rosto de quem fala, convencem mais a criança do que as palavras que ella propria pronuncia na leitura. Não sómente as emoções e desejos da alma, como muitos pensamentos, têm uma clara manifestação, pois um gesto, ou um olhar, pôde sêr mais expressivo do que uma palavra. É commum vêr-se o mudo contar um incidente ou uma historia, muito intelligentemente, por meio de gestos. A face e as mãos são os

substitutos da lingua na expressão do pensamento. Tão grandes são as vantagens dos exercícios oraes como preparatorios dos da leitura, que, comparativamente, poucas pessoas adquirem a faculdade de lêr com a mesma facilidade e compreensão com que ouvem falar. Assim, estabelecida esta differença durante o periodo da escola elementar, o ensino oral é um meio necessario de preparar o alumno para lêr intelligentemente as paginas impressas, e tal ensino deve não só preceder como acompanhar o estudo de leitura.

Isto não quer dizer que todo o ensino oral tenha uma relação directa com o livro de leitura. Muitos ensinamentos oraes guiam o discipulo na aprendizagem de artes escolares e especialmente na formação moral dos hábitos e do character. O poder dos livros de leitura é sómente um dos fins do ensinamento escolar.

Outra importante verdade a sêr observada na solução deste problema, é que o ensino oral decresce quando o alumno passa para uma classe superior, enquanto o livro de texto cresce.

6 A 10	10 A 14	14 A 18
ENSINO ORAL		
	LIVRO DE LEITURA	

Neste diagramma os primeiros oito annos (de 6 a 14) representam o periodo de educação elementar, incluindo a primaria, quatro annos, e intermediaria, quatro annos; e os ultimos quatro annos (14 a 18) representam o periodo complementar.

EMERSON E. WHITE.  
(*Elements of Pedagogy.*)

\*\*

## O "SLÖJD" NAS ESCOLAS

*Slöjd* é o nome do trabalho manual considerado como meio educativo na escola. Na Dinamarca, Axel Mikkelsen, devotou toda sua existencia ao desenvolvimento dum systema de *slöjd* que se baseia, em todos os seus detalhes, em principios hygienicos e pedagogicos.

No que se refere á *hygiene*, notamos:

1.º — Todo o trabalho é executado em posições completamente definidas sob o ponto de vista physiologico;

2.º — O alumno emprega alternativamente a mão direita e a esquerda nos exercicios em que isso fôr possível;

3.º — Os utensilios são escolhidos segundo indicações hygienicas e adaptados á força da criança;

4.º — É interdito qualquer trabalho perigoso á saúde, como o polimento das superficies com papel de esmeril, que produz muita poeira.

Os principios pedagogicos sobre os quaes repousa o systema de *slöjd* são os mesmos que os de todo ensino elementar, isto é: a materia que se ensina é dividida em seus elementos e os exercicios assim determinados são feitos um após outro, numa seriação crescente, de accordo com as leis da Pedagogia.

Para a producção de objectos de diversas naturezas, como, por exemplo, brinquedos, objectos de uso domestico, aparelhos de Physica etc., empregam-se modelos correspondentes a um certo gráo do estudo a realizar.

O *slöjd* é organizado de maneira que os exercicios aproveitem, simultaneamente, a uma classe inteira.

Os bancos são collocados em filas, para que o professor possa fiscalizar todos os discipulos que trabalham. A serra-gem e o envernizamento são a principio aprendidos segundo um certo rythmo que o mestre vae determinando em voz alta.

Assim, é mais facil ao professor corrigir a posição e os movimentos de cada discipulo, suspendendo, si preciso fôr, o trabalho enquanto fizer suas correcções.

O ensino dum classe toda ao mesmo tempo, não exige que todos os alumnos façam o mesmo objecto. Os que trabalham



# LIÇÕES PRÁTICAS

## ARITHMETICA

### CALCULO MENTAL

*As respostas devem sêr promptas, rapidas e seguras. Tal methodo não só desenvolve o habito de calculo rapido, tão util na vida pratica, como ainda é grande auxiliar nos problemas escritos.*

*Lembre-mos de que as crianças, como os adultos, têm suas tendencias, seus interesses especiaes. Descubramol-os. A arithmetica, melhor que qualquer outra disciplina, offerece oportunidade para animar e aproveitar esses interesses, essas preferencias.*

*Professor.* — Que vae sêr você, Augusto, quando crescer, quando fôr homem?

*Alumno.* — Vou sêr criador de gallinhas.

*A.* — Que gosto!

*P.* — Tem bom gosto, Augusto. Sabe você como se chama ao criador de gallinhas?

*A.* — Não, senhor.

*P.* — Chama-se *avicultor*, e a arte, porque realmente é uma arte, chama-se *avicultura*.

*A.* — Não sei como póde elle querer sêr *avicultor*!

*A.* — Eu gosto da vida do campo e sou *louco* por toda a especie de criação.

*P.* — Você fará muito bem de seguir sua inclinação, ainda mais que, quando bem dirigida, só dá lucros.

*A.* — Então, criar gallinhas dá lucro?

*P.* — Vocês não visitaram a ultima exposição de aves e não viram por que alto preço se offereciam alguns exemplares?

A. — Havia ternos até de 480\$000.

A. — E os ovos?

A. — Até a 60\$000 a dúzia, eu vi uma senhora pagar.

A. — Eu é que não pagaria esse preço!

P. — Não se paga esse preço por ovos para a mesa, mas o avicultor, como o Augusto, que deseja ter uma boa criação, de raça, facilmente paga tal quantia.

A. — Si todos os ovos derem pintos, imagine-se que lucro não dará uma dúzia!

P. — Muito bem! . . . A prosa está boa, mas agora vamos trabalhar com a cabeça, e muito depressa. Vamos vêr quem trabalha melhor. Começemos pela seguinte pergunta: Alvaro, a 60\$000 a dúzia, qual será o preço de cada ovo?

A. — Cada ovo custará . . .

P. — Custará . . . Pense um pouco, mas não leve muito tempo.

A. — Cada ovo custará 5\$000.

P. — Bravo, Alvaro! Fez muito bem o calculo! . . . Sabem ao que se chama um *terno de gallinhas*?

A. — Augusto deve saber.

P. — Explique, Augusto.

A. — Um *terno* consta de um gallo e duas gallinhas.

A. — São, portanto, tres *cabeças de gallinha*.

A. — São 15\$000 de ovos.

P. — Vamos sêr optimistas e suppôr que, da dúzia de ovos, nenhum gorou. Si vendermos cada 3 cabeças pela metade do preço da exposição . . .

A. — Cada 3 cabeças por 240\$000?

P. — Exactamente. Quanto teremos apurado na ninhada?

A. — Não sei como começar.

A. — Eu sei. Posso dizer?

P. — Diga, Pedro.

A. — A primeira coisa é vêr quantos tres tem uma dúzia.

A. — Doze tem 4 tres. Quatro vezes 240\$000 são . . . De cabeça?

P. — Sim, senhor.

A. — Eu faço a conta. São 960\$000.

A. — Agora, dessa quantia é preciso tirar os 60\$000 que foram gastos com os ovos.

A. — Ficam 900\$000 de lucro na dúzia de frangos.

A. — Isso, si não comessem milho.

A. — E comem bastante!

P. — Ah! . . . já se sabe! Vamos suppôr que essa dúzia de pintos, ou frangos, gastem, comam, um sacco de milho cada 2 mezes. Até aos dez mezes, quantos saccos terão consumido?

A. — Cinco saccos.

P. — E calculando-se o milho ao preço médio de 14\$000 o sacco, quanto terão gasto em milho?

A. — Terão comido 70\$000 de milho.

P. — Estarão os lucros dos frangos em . . .

A. — Em 830\$000.

P. — Agora, supponhamos que em farêlo, farinha de ossos etc., etc., tenham os *senhores* frangos gasto mais 15\$000 mensaes. Em quanto estarão agora os lucros?

A. — Em 10 mezes são 150\$000 de farêlo etc.

A. — Deduzindo essa quantia dos 830\$000, ficam 680\$000 de lucros liquidos.

P. — Quanto foi o lucro em cada frango?

A. — São 56 mil e poucos réis em cada um.

P. — Faça, Alfredo, a divisão no quadro-negro.

A. — Já fiz: — são 56\$666.

P. — Muito bem! Vamos suppôr que sejam 56\$600. Quanto custaria um terno?

A. — Tres custariam tres vezes mais: 169\$800.

A. — Vejam quanto não lucrou quem criou os pintos!

P. — Quanto lucrou em cada terno?

A. — Na exposição cada terno custava 480\$000. De 480\$ tirando 169\$800, restam 310\$200. Lucrou 310\$200 no terno.

A. — Lucrou mais de 100\$ em cada ave.

A. — E isso vendendo-se os ternos pela metade do preço da exposição!

P. — Vejam si é ou não rendosa a avicultura!

## GEOMETRIA

## ÁREA DO CONE

*É tendencia geral dar-se á criança tudo prompto. Julgando facilitar, difficultamos-lhe o desenvolvimento, retardando-lhe ou aniquilando-lhe o poder de investigação e a confiança propria.*

(Sobre a mesa, fôrmas e barbante, cartuchos de papel cartão etc.)

Professor. — Qual foi o corpo redondo que ficou sem enrolar hontem?

Alumno. — Justamente o mais parecido com o pião ficou sem fieira.

P. — Venha, então, enrolar a fieira num cone, Pedro. Escolha um que tenha base e altura eguaes ás deste cylindro que foi o que usámos hontem.

A. — (Depois de medir.) Este tem base e altura eguaes ás do cylindro de hontem.

A. — Tem o mesmo diametro.

A. — Este é o pião para a fieira. (Enrolando o barbante.)  
Leva menos barbante que o cylindro.

A. — E menos que a esphera tambem.

A. — Prompto. Posso medir?

P. — Quanto levou? Quanto mede o barbante?

A. — Levou 8,<sup>m</sup>90.

A. — Exactamente a metade. O barbante que enrolou o cylindro, está aqui no meu bolso: mede 17,<sup>m</sup>80.

A. — Eu enrolei barbante na ponta do meu lapis, a qual é um cone.

P. — E quanto mede esse barbante?

A. — Mede 0,<sup>m</sup>21.

P. — Agora, marque, no lapis, que é um cylindro, uma secção da altura da ponta, e enrole o barbante.

A. — Prompto; está o barbante enrolado no cylindro de base e altura eguaes ao cone da ponta do lapis.

P. — Quanto mede?

A. — Mede 0,<sup>m</sup>42.

A. — O barbante do cylindro mede o dobro do barbante do cone.

A. — Ou o do cone mede a metade do do cylindro.

P. — O barbante cobrindo o cone representa o que?

A. — A área lateral do cone.

P. — Portanto, a área lateral do cone deve sêr a metade da área lateral do cylindro.

A. — Ou da esphera...

P. — Que tenha o mesmo diametro e a mesma altura.

A. — Eu posso escrever.

$$(Escreve.) \quad A L = \frac{2 \pi R \times A}{2}$$

P. — Si temos 2 no numerador e 2 no denominador, podemos cancellar.

A. — E fica (Escrevendo.)

$$A L = \frac{\cancel{2} \pi R \times A}{\cancel{2}} = \pi R \times A$$

P. — Essa altura enviesada do cone chama-se apóthema e se representa por Ap.

A. — Então,  $A L = \pi R \times A p$

P. — Tome este cartucho. Que fôrma tem?

A. — É um cone sem base.

A. — É um cone ôco.

A. — Tem só superficie lateral.

P. — Abra-o.

A. — Tiro os alfinetes?

P. — Sim. Faça-o ficar chato, aqui na mesa. Agora, que superficie geometrica representa? Parte do que é?

A. — É um sector.

P. — Quando estudámos a área do círculo, consideramolo dividido numa porção de sectores pequeninos.

A. — Numa infinidade de triangulos.

P. — Considerando este sector como um triangulo, qual será a sua área?

$$A. — (\text{Escrevendo}) \quad A = \frac{B \times A}{2}$$

P. — A base deste nosso triangulo o que era no cone? Junte-o para vêr.

A. — Era uma circumferencia.

P. — Então, você pôde substituir o B por C.

$$A. — (\text{Escrevendo.}) \quad A = \frac{C \times A}{2}$$

P. — E a altura o que é no cone?

A. — (Fechando o cone.) A altura é o *apóthema*.

$$(\text{Escrevendo.}) \quad A = \frac{C \times AP}{2}$$

P. — Vamos agora substituir o C, a circumferencia, pelo seu valor.

A. — C é igual a  $2 \pi R$ .

$$A = \frac{2 \pi R \times AP}{2}$$

P. — Cancellando o 2 do numerador e o 2 do denominador, o que teremos?

$$A. — A = \frac{2 \pi R \times AP}{2} = R \times AP$$

A. — Deu a mesma coisa que Alfredo achou para a metade do cylindro.

P. — Agora, um problema.

A. — Eu posso ir resolvel-o?

P. — Venha, Arthur. Que superficie lateral terá um boné de "pierrot" de 0,<sup>m</sup>20 de diametro e 0,<sup>m</sup>25 de altura?

A. —  $AL = \pi R \times Ap$ .

$$AL = 3,14 \times 0,10 \times 0,25.$$

$$AL = 0,7850.$$

(Lendo.) 7.850 millimetros quadrados.

(Exercicios diversos sobre áreas de cones, deverão sêr dados.)

## BOTANICA

### FUNÇÃO CHLOROPHYLLEANA

*O estudo das sciencias na escola primaria deve desenvolver idéas que sirvam de base segura para raciocinio e compreensão das coisas.*

Professor. — (Mostrando aos alumnos um vaso com planta.) Lembram-se desta plantinha?

Alumno. — Eu me lembro, professor, mas já faz muito tempo que a estudámos.

A. — (Observando a planta, que esteve no escuro alguns dias.) E' verdade! . . . Mas, como está desbotada a nossa planta!

P. — Exactamente. E sabem por que?

A. — (?)

P. — Por falta de sol, falta de luz.

A. — E' interessante! E por que será que as folhas desbotam quando não recebem luz?

P. — Porque as folhas são como as fabricas, que precisam de energia; sua energia é a luz.

A. — E a sua força.

P. — Exactamente: a luz é boa fonte de força, boa fórmula de energia como o calor, a electricidade etc.

A. — Os photographos usam a luz na revelação das chapas.



*Terremoto* ou tremor de terra, é uma oscillação do sólo no sentido vertical, de baixo para cima, ou no sentido horizontal. O abalo que se dá é proveniente da combinação dos dois movimentos citados. O tremor de terra pode sêr fraco, ou forte, e durar alguns segundos, ou alguns minutos. Vocês já repararam o que acontece na agua, quando se joga nella uma pedra? Fale você, Jorge.

— Muito bem. Em redór do ponto attingido pela pedra formam-se ondulações circulares que vão se alargando até desaparecerem. Com os terremotos dá-se o mesmo. Ha um ponto central onde o tremor é mais intenso. Dahi se irradia o abalo para longe, muitas vezes a grande numero de kilometros, diminuindo de intensidade com a distancia.

— O José me pergunta qual é a causa dos tremores de terra. Elles são produzidos por explosões de gazes accumulados na profundidade das rochas, ou por infiltrações das aguas que vão até ás profundidades ferventes do globo, e ahi se transformam subitamente em vapor.

— Agora, é o Luiz que quer saber si os terremotos causam muitos prejuizos.

— Mas, muitos! Além da destruição das habitações, causam muitas mortes. Quando os tremores de terra são proximos das costas, devido á oscillação brusca do fundo do mar, levantam-se enormes vagas de vinte ou mais metros de altura, que se precipitam sobre as praias, tragando e destruindo tudo em sua passagem. Este phenomeno é conhecido pelo nome de *marimoto*.

— Você, Julio, quer saber si no Brasil ha terremotos?

Felizmente, aqui não se têm registrado tremores de terra. Sómente, em 1924, houve nesta Capital, um ligeiro e fraco abalo do sólo.



## RESENHA PEDAGOGICA

### INTRODUÇÃO AO "METHODO DECROLY"

Antes de explicar os meios de estudo e applicação do conceito pedagogico em que se baseiam os principios fundamentais do novo methodo, suggere Decroly o questionario seguinte: "Tem a escola de hoje deveres novos a cumprir? Si tem, como será necessario reorganizar o ensino primario? Qual é o papel das administrações e governos quanto ao ponto de vista do ensino publico? Qual o dos educadores? Não devem estes conhecer melhor a criança que educam, afim de obter da mesma resultados mais efficientes e superiores? Como e donde construir as escolas do futuro? Como entender a elaboraçao dos programas de ensino e applicar com exito os methodos pedagogicos mais perfeitos? Não será preciso generalizar o emprego dos "procedimentos" individualizados?"

O illustre pedagogo belga, suggerindo estas questões, procura activar o interesse dos educadores para problemas que só o estudo, a reflexão e a pratica de todos os dias podem resolver efficaçamente.

Em seguida, passa a demonstrar as vantagens do emprego do methodo dos "centros de interesses" e a influencia fecunda que no conjunto do ensino produz a introdução de certas fórmulas de jógos educativos na escola primaria.

Com argumentos precisos e exemplos bem inspirados, mostra os multiplos recursos de que dispõem os mestres para tornar positivos os resultados da nova pedagogia e confirma de maneira saliente o valor do trabalho manual sob todas as suas fórmulas, e recorda que a missão principal, a mais nobre, dos educado-

res da primeira infancia, é a de inspirar o respeito sincero pelo trabalho e pelos que trabalham, despertando nas crianças, em toda a sua plenitude, o sentimento de solidariedade que deve irmanar os homens.

A escola primaria deve cuidar, mais do que faz actualmente, de preparar as crianças para a vida social.

Renovar o ensino primario no menor praso e mediante a applicação de methodos novos, consegue-se, affirma Decroly, preparando duma maneira mais completa os futuros educadores; fazendo penetrar um pouco mais de vida na escola actual; modificando os programmas de educação e de instrucção; aperfeiçoando os methodos de ensino; individualizando as actividades a que se submettem as crianças, afim de melhor adaptal-as ás aptidões e aos conhecimentos de cada uma dellas.

Feita a exposição que acima resumimos, crê o illustre pedagogo sêr util para o mestre, principalmente para os novos professores, ter ao alcance da mão um guia de orientações pedagogicas, um programma, emfim.

A questão de programma é preciso, entretanto, sêr bem compreendida nas suas duas partes distinctas: o *programma de cultura* (de conhecimentos, de desenvolvimento) e o *programma das technicas*. Ambos devem sêr estudados e observados parallelamente, de accordo com as necessidades fundamentais da vida, quanto ao *meio natural* e o *meio social*. Um e outro se completam.

Em seguida, estuda e expõe Decroly a divisão das materias fundamentais do ensino primario sob o triplice aspecto da *observação, associação e expressão*, phases em que divide os trabalhos mentaes e para as quaes invoca o interesse sincero dos educadores modernos. A escola não é mais, como até ha pouco, um auditorio e sim um laboratorio, consoante a expressão de Claparède, citada por Decroly, onde as crianças fazem "*experiencias de contacto com a vida.*"

O estudo completo das aptidões, o exercicio de observações e o exame de todos os factores do meio natural e humano em que vive a criança, eis em que se devem inspirar os educa-

dores actuaes para que a escola se torne de facto o ponto de partida do progresso humano.

Em synthese, o "Methodo Decroly" é a propria psychologia scientifica applicada segundo as bases estatuidas por Dewey, Decroly, Ferrière, Claparède e tantos outros, para a *Escola Activa*.

(Resumo das exposições feitas por Gerardo Boon, de Anderlecht, sobre as conferencias do illustre pedagogo de Bruxellas, Dr. Decroly.)

\*\*

## O ENSINO NOS ESTADOS UNIDOS

### A CREAÇÃO DUM CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O "Comité de Educação e Trabalho do Senado" informou favoravelmente uma moção apresentada, em março ultimo, pelo senador Mr. Phipps, destinada a ultimar a organização educacional dos Estados Unidos com a criação dum "Conselho Nacional de Educação," que será a autoridade federal superior da grande republica em materia de ensino, e relacionará todas as actividades que nessa materia se desenvolvem no paiz e em suas colonias. Nesse projecto é destinada a somma de 250.000 dollares para que o "Commissionado de Educação" do actual "Bureau de Educação" realize, com a colaboração das autoridades de educação publica e privada, os mandatos que contêm o projecto de lei.

\*\*

## BACHAREIS EM EDUCAÇÃO PHYSICA

### ESTADOS UNIDOS

Em 92 universidades estadoaes, collegios, escolas normaes e instituições privadas, funcionam cursos profissionaes de 4 annos para formar directores e professores de educação physica, e que concedem titulos de bachareis aos que terminam com aprovação taes cursos. Com este mesmo objectivo, funcionam em

22 estabelecimentos superiores similares, cursos especiaes de tres annos.

Desde 1913 a 1926, dada a importancia com que são tidos taes cursos, os vencimentos dos directores de educação (superintendentes) nos diversos estados norte-americanos se elevam consideravelmente. Em alguns estados, como New-York e Ohio, o augmento foi de cento por cento; em Desmoines, Joungstown e Houston foi de cento e cincoenta por cento, e em varios outros, como Trenton e Oakland, o augmento se elevou a mais de duzentos por cento.

O superintendente de educação de New-York percebe 20.000 dollares annualmente, vencimento esse maior que o do proprio presidente da Côte Suprema, o magistrado de mais alta categoria dos Estados Unidos.

\*  
\*\*

## A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NOS ESTADOS UNIDOS

De 1909 para cá mantêm os Estados Unidos a vanguarda nas grandes conquistas psychotechnicas e de orientação professional (*Vocational Guidance*.) Em 1922, reunidos em corporação (*The new psychological corporation*) os mais reputados psychologos norte-americanos, como Angell, reitor da Universidade de Yale, Bingham, da Instituição Carnegie de Technologia, Mc. Reen Cattel, R. Dodge, Franz, Stanley, Hollingworth, H. Judd, W. Mc. Dougall, Pillsbury, W. D. Scott, Seashore, L. Terman, Thorndicke, B. Fitchener, H. Warren, J. Watson, W. Thomson, R. Woodworth (Columbia) R. Yerkes (*National Research Council*) os quaes trataram principalmente da solução dos problemas educacionaes referentes á psychologia applicada e em especial aos estudos de psychotechnica e de orientação professional.

Dos resultados e das medidas adoptadas por esse extraordinario congresso dizem as diversas sociedades e instituições de orientação professional posteriormente creadas e que têm effi- cazmente contribuido para a boa formação do nobre povo da

grande republica democratica. Entre estas, mencionaremos a *Association for Vocational Guidance for Juniors*, creada em 1924, o *Carnegie Institute of Technology* (Pittsburg) que conta com o concurso de psychologos notaveis como Flurstone e Otis, aos quaes se deve a elaboração das próvas principaes de selecção para os estudantes das principaes universidades norte-americanas. Uma infinidade de escolas, institutos, officinas, officiaes e particulares, dependentes das corporações pedagogicas e sociaes, concorrem para mais realçar a importancia com que taes problemas são tratados. Em Oakland o Dr. V. E. Dickson instituiu, com optimos resultados, experiencias de applicação de *tests* originaes para a determinação das aptidões profissionaes.

Releva ainda mencionar o laboratorio de O. P., da Universidade de Haward, dirigido actualmente por Brewer, seguindo, entretanto, os estudos psychotechnicos iniciados por Münsterberg.

A leitura de quaquer dos livros de Link, Hollingworth e Kitson sobre o assumpto, é o bastante para dar uma medida exacta sobre a organização e o desenvolvimento actual da educação professional nos Estados Unidos.

O espirito é como o corpo: não se póde andar em logar d'elle; é preciso que elle mesmo ande.